

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL –
PLAGEDER**

DIOVANE CARDOSO FERREIRA

**IMPACTOS DA MIGRAÇÃO RESIDENCIAL DA ZONA RURAL
PARA A URBANA EM ILÓPOLIS/RS**

Camargo
2013

DIOVANE CARDOSO FERREIRA

**IMPACTOS DA MIGRAÇÃO RESIDENCIAL DA ZONA RURAL PARA A
URBANA EM ILÓPOLIS/RS**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Eber Pires Marzulo
Coorientadora: Lorena Cândido Fleury.

Camargo
2013

DIOVANE CARDOSO FERREIRA

**IMPACTOS DA MIGRAÇÃO RESIDENCIAL DA ZONA RURAL PARA A
URBANA EM ILÓPOLIS/RS**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado com conceito _____

Prof. Eber Pires Marzulo - Orientador
UFRGS

Prof.^a Lorena Cândido Fleury - Coorientadora
UFRGS

Prof. Dr. Paulo Dabdab Waquil - UFRGS

Camargo/RS, ____ de _____ de 2013.

A todas as famílias rurais que estão no dilema entre sair ou permanecer no meio rural. Dedico a eles, pois espero que muitos tenham acesso a esta pesquisa e que ela contribua para que tomem a melhor decisão de acordo com cada realidade.

AGRADECIMENTOS

Por ter chegado ao final desta etapa de minha vida, a qual sempre foi muito desejada, de me formar em nível superior, agradeço primeiramente a Deus, por em todos os dias me iluminar, proteger e me acompanhar.

Agradeço à minha família por jamais deixar que eu desanimasse, ou deixasse de perseverar e seguir em frente. E por compreender a minha ausência em muitos momentos.

Gostaria de agradecer a todos os professores(as) e tutores(as), à distância ou presenciais, que cumpriram muito bem os seus papéis de nos ensinar e nos guiar nesta longa caminhada até o dia de hoje. Mas, em especial, à tutora presencial do polo de Camargo/RS, Maribel Giordani, que é um exemplo de competência, generosidade, amizade e compreensão.

Também quero agradecer ao Ministério da Educação (MEC) e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por terem acreditado nesta ferramenta de educação e promoção de Desenvolvimento Rural, que é o PLAGEDER, levando educação de qualidade a atores sociais que estavam fora dos padrões tradicionais de ensino superior.

A todos, muito obrigado!

RESUMO

Este estudo foi realizado no município de Ilópolis/RS, na região do Alto Vale do Taquari, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Município este que tem como base econômica a cultura da erva mate, sendo esta produzida predominantemente em propriedades rurais familiares. A pesquisa surgiu pelo fato de que, nos últimos anos, várias famílias optaram por manter as atividades agrícolas em suas propriedades rurais, mas passaram a residir na área urbana do município. Sendo assim, o estudo possui como objetivo entender as motivações e impactos desta migração residencial do rural para o urbano, que vem marcando a distribuição territorial da população ilopolitana nos últimos anos. Teve como metodologia o embasamento teórico a partir de literaturas sobre migração e Êxodo Rural, mas, principalmente, através de pesquisa qualitativa baseada em uma entrevista informal, mas com questões norteadoras previamente formuladas (entrevista semiestruturada). Os principais resultados desta pesquisa apontam como motivações para a migração residencial aspectos não econômicos, como a busca por melhor qualidade de vida para a família, não levando em consideração emprego e renda. Além disso, percebe-se que a migração residencial também está vinculada a questões de gênero e geracionais, pelo fato de que mulheres e jovens não se sentem identificados com a forma de vida no meio rural. Quanto aos impactos desta migração, percebe-se uma tendência de, em longo prazo, ocorrer grandes transformações negativas no município como um todo, devido à comprovada falta de sucessão familiar na administração das propriedades rurais, assim, comprometendo seriamente a economia do município, que possui como base a produção agrícola.

Palavras-chave: Zona Rural. Zona Urbana. Migração.

ABSTRACT

This study was performed in the city of Ilopolis/RS, in Alto Vale do Taquari Region in Rio Grande do Sul State . This City that has as economic base the herbal mate cultive, which is produced predominantly in family rural properties . The research appeared because in the last years several families chose to keep the agriculture activities in their rural properties, but they passed to live in the urban area of the city. So, the study has the goal to understand the motivations and impacts of this residential migration of the rural area to the urbane one that it has been marked the territorial distribution of the Ilopolitana population in the last years. It had as methodology the theoretical basement from the literatures about migration and Exodus Rural, but mainly through of qualitative researches based in an informal interview but with guiding questions previously formulated (semi structured interview). The main results of this research point as motivations for the residential migration non-economic aspects like the search for better quality of life for the Family, not taking into consideration employment and income. Besides, we can realize that residential migration is also linked with gender and generational questions , because women and young people do not feel identified with the way of life in rural areas. Regarding the impacts of this migration, we can realize a long-term trend that can happen large negative changes in the county as a whole, due to confirmed lack of family sequence in the management of rural properties, thus, compromising the city's economy, which has based on the agricultural production .

Keywords: Countryside. Urban Area. Migration.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Localização geográfica do município de Ilópolis/RS | 11 |
| Figura 2 – Erveira | 12 |
| Figura 3 – Pinheiro Araucária | 13 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Produção de erva mate em toneladas | 13 |
| Tabela 2 – Distribuição fundiária em Ilópolis/RS | 14 |
| Tabela 3 – Divisão populacional urbano e rural em Ilópolis/RS | 14 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| ASCAR | Associação Sulina de Crédito e Extensão Rural |
| FEE | Federação de Economia e Estatística |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICMS | Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| UPA | Unidade de Produção Agrícola |

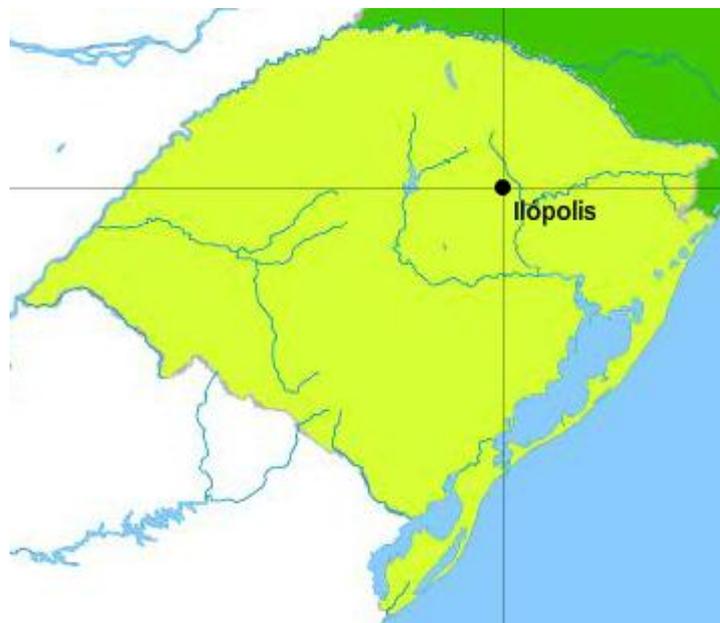
SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | MIGRAÇÃO E ÊXODO RURAL | 17 |
| 3 | A PESQUISA | 22 |
| 4 | MIGRAÇÃO E ÊXODO EM ILÓPOLIS | 24 |
| 4.1 | MOTIVOS DAS MIGRAÇÕES NO MUNICÍPIO | 25 |
| 4.2 | DEMAIS RESULTADOS ALCANSADOS COM A ENTREVISTA | 27 |
| 5 | CONCLUSÃO | 31 |
| | REFERÊNCIAS | 33 |
| | APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA | 34 |
| | APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO | 35 |

1 INTRODUÇÃO

O município de Ilópolis localiza-se no Rio Grande do Sul, na região do Vale do Taquari. Possui uma população de 4102 habitantes, em uma área total de 116,5Km². São 20 comunidades, considerando a sede do município, sendo que o Produto Interno Bruto (PIB) per capita é de R\$14.891,22 (FEE, 2010).

Figura 1 – Localização do município de Ilópolis no RS.



Fonte: IBGE (2013).

A população total do município cresceu 19,8% nas últimas quatro décadas. No mesmo período, a população urbana cresceu 205%, e a rural sofreu um decréscimo de 30%. Observa-se uma migração da população rural para zona urbana.

Mas a população total do Município de Ilópolis, no ano de 2000, era de 4255 habitantes e, em 2010, é de 4102 habitantes. Sendo assim, houve uma redução de 3,6% da população total na última década analisada. A população aumentou até o ano de 2000, mas desde então vem diminuindo.

A economia deste município é essencialmente agrícola, contando com os geradores de ICMS na seguinte ordem: aves 36,16%, erva mate 21,62%, fumo 19,28%, suínos 15,5%, leite 7,43% e outros 0,01%.

Ilópolis é o maior produtor de erva mate do Rio Grande do Sul, e essa é a principal atividade na grande maioria das Unidades de Produção Agrícola deste município. Segundo a Emater/RS ASCAR de Ilópolis, o mesmo conta com 751 estabelecimentos rurais e apenas seis não produzem erva mate.

Esta atividade não é mais significativa na geração de ICMS por haver ilegalidade na comercialização deste produto em alguns casos. Pois o município conta com 12 agroindústrias ervateiras e, segundo lideranças do poder executivo e legislativo municipal, é a erva mate que movimenta a maior parte da economia de Ilópolis, e com grande contribuição regional.

Em 1905, iniciou-se a colonização na região do atual município de Ilópolis/RS, através da chegada de imigrantes italianos.

O nome do município foi escolhido por Alfredo Mützel, engenheiro chefe da Comissão de Terras e Colonização na época. “Ilo”, do latim, que significa erva, e “polis”, do grego, significando cidade. Ilópolis significa *cidade da erva mate*, e esse foi o nome escolhido por Mützel devido à grande quantidade que esta espécie florestal era encontrada na área do município. Ilópolis foi emancipada em 1963.

Figura 2 – Erveira (pé de erva mate)



Fonte: Infoescola (2013).

A economia do município não iniciou pela erva mate, mas por outra espécie florestal também abundante na região, o pinheiro araucária. Atraídos por este, que muitos imigrantes

colonizaram esta região. Com isto, encontraram a erva mate também em abundância, que se consagrou como principal atividade econômica de Ilópolis.

Figura 3 – Pinheiro Araucária



Fonte: arvores2a.blogspot, (2013).

O município de Ilópolis é o maior produtor de erva mate do Rio Grande do Sul, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

Tabela 1 – Produção de erva mate em toneladas

| | 2010 | ton | % |
|-----|-----------------------|----------------|-------------|
| 1º | Ilópolis | 53.100 | 20,4 |
| 2º | Arvorezinha | 38.000 | 14,6 |
| 3º | Palmeira das Missões | 18.200 | 7,0 |
| 4º | Venâncio Aires | 14.125 | 5,4 |
| 5º | Fontoura Xavier | 13.230 | 5,1 |
| 6º | Itapuca | 8.100 | 3,1 |
| 7º | Barão de Cotegipe | 6.685 | 2,6 |
| 8º | Anta Gorda | 6.300 | 2,4 |
| 9º | Áurea | 4.950 | 1,9 |
| 10º | Soledade | 4.200 | 1,6 |
| | Total do Grupo | 166.890 | 64,1 |
| | Demais Municípios | 93.523 | 35,9 |
| | Total Geral | 260.413 | 100 |

Fonte: IBGE (2013).

Das 751 propriedades rurais de Ilópolis, apenas seis não trabalham com erva mate, segundo a Emater/RS ASCAR. Isso mostra o quanto a erva mate está presente no município e a grande importância que a mesma possui diante da economia municipal.

A estrutura fundiária de Ilópolis/RS, em sua grande maioria, é composta por propriedades entre 5 e 20 hectares, somando 58,06%, segundo o IBGE (2010) e somadas com as de menos de 5 hectares, constata-se que 77,63% das propriedades são minifúndios.

Tabela 2 – Distribuição fundiária em Ilópolis/RS

| | | |
|-----------------|-----|--------|
| Menos de 5 ha. | 147 | 19,57% |
| De 5 a 20 ha. | 436 | 58,06% |
| De 21 a 50 ha. | 145 | 19,31% |
| De 51 a 100 ha. | 23 | 3,06% |

Fonte: Emater/RS Ascar de Ilópolis/RS (2013).

Segundo o IBGE (2010), a população total de Ilópolis é de 4102 habitantes, sendo 53,8% urbanos e 46,2% rurais. Em 1970, a população urbana era de apenas 21,14% e, em 1991, era de 32,38%. Isso mostra uma grande transferência do rural para o urbano nas últimas décadas.

O que mais chama a atenção no comportamento populacional de Ilópolis é que, entre idosos, há certa uniformidade na distribuição da população, ao analisar entre homem, mulher, rural e urbano. Mas, quando analisamos os jovens e as crianças, percebemos uma grande tendência a residirem no urbano, e isso induz a refletir sobre como será o futuro do meio rural em Ilópolis.

Neste sentido, observe a tabela abaixo:

Tabela 3 – Divisão populacional urbano e rural em Ilópolis/RS

| Categorias | Total Rural | Total Urbano | Homem Rural | Homem Urbano | Mulher Rural | Mulher Urbana |
|-------------------|--------------------|---------------------|--------------------|---------------------|---------------------|----------------------|
| Crianças | 341 | 417 | 187 | 226 | 154 | 181 |
| Jovens | 388 | 557 | 224 | 236 | 164 | 321 |
| Adultos | 813 | 884 | 430 | 431 | 383 | 453 |
| Idosos | 353 | 359 | 160 | 162 | 193 | 197 |
| Total | 1895 | 2207 | 1001 | 1055 | 894 | 1152 |

Fonte: IBGE (2013).

A tabela nos expõe que, entre os idosos, há uma uniformidade de distribuição; entre os adultos, já aparece uma disparidade na distribuição da população feminina, sendo 383 rurais e 453 urbanas.

Mas, entre os jovens, as diferenças são grandes, 58% deles estão na área urbana; mas, ao observar esta distribuição por sexo, vemos que, entre os de sexo masculino, está uniforme a distribuição rural e urbana, mas entre as jovens, apenas 33,82% estão no interior e 66,18 % na cidade.

Há uma forte tendência de masculinização no meio rural do município, além dos constantes processos de migração residencial do rural para o urbano, deixando uma grande incerteza sobre o futuro da agricultura e, conseqüentemente, da economia do município de Ilópolis/RS.

Esta pesquisa tem como eixo temático principal a migração residencial da zona rural para a urbana, pois, há alguns anos, está ocorrendo uma migração de famílias rurais para o centro da cidade, mas dando continuidade nas principais atividades de suas propriedades rurais.

Na grande maioria das famílias envolvidas neste processo de migração residencial para a zona urbana do município, o contexto é muito semelhante. Famílias historicamente rurais, com situação financeira atualmente muito boa, baseando-se nos patrimônios das famílias e em relatos sobre os valores na comercialização de erva mate.

Por serem famílias estruturadas economicamente, possuem condições de adquirir terrenos na zona urbana, construindo ou adquirindo casas grandes, confortáveis, com bonitos jardins, proporcionando conforto e status para a família diante da sociedade.

As atividades econômicas desenvolvidas pelas famílias envolvidas nesta pesquisa também se repetem na maioria dos casos. Estas famílias não mantêm em suas propriedades atividades que sejam dependentes da presença constante de trabalhadores.

As famílias que migram para a zona urbana mantêm, na propriedade, produção e criação para autoconsumo, mas desenvolvem como principal atividade econômica o cultivo de erva mate, uma produção agrícola que gera independência de tempo para a família, exigindo apenas manejo de plantio, poda, adubação e manutenção de coberturas de solo, possibilitando, assim, que passem a noite e até alguns dias longe da Unidade de Produção Agrícola.

Além da erva mate, algumas famílias possuem também outras culturas, como milho, laranja, uva. Sendo também culturas que não exigem obrigatoriamente a presença noturna e aos finais de semana dos agricultores.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, foram analisados os impactos positivos e negativos ocasionados após a migração.

Esta pesquisa faz-se necessária no município de Ilópolis, pois a população rural jovem é a que mais sofreu queda nos últimos anos, segundo o IBGE. Os resultados deste Trabalho de Conclusão de Curso serão apresentados à parcela da população que demonstrar interesse, mas, principalmente, aos jovens rurais, para que estejam cientes de todas as transformações que ocorrem na vida das famílias que migram desta forma.

Mesmo esta migração sendo somente residencial, ocorrem grandes mudanças socioculturais nos atores sociais envolvidos.

A pesquisa é realizada através de embasamento teórico, de acordo com a revisão bibliográfica. Este referencial é confrontado com as entrevistas realizadas com as famílias rurais envolvidas no processo de migração residencial em Ilópolis/RS.

Foram entrevistadas sete famílias, que possuem como líder familiar uma pessoa com menos de 60 anos, que migraram nos últimos 15 anos para a zona urbana e continuam desenvolvendo atividades na propriedade rural de origem.

Estas entrevistas são conduzidas a partir de perguntas previamente elaboradas, seguindo um roteiro semiestruturado. Foram analisadas de forma qualitativa, mas buscando-se padrões e particularidades nas respostas.

2 MIGRAÇÃO E ÊXODO RURAL

Neste capítulo, será exposta uma discussão teórica, colocando alguns conceitos que envolvem migração e êxodo rural, além de apresentar a relação estabelecida entre os conceitos.

Migrar significa trocar de região, país, estado ou simplesmente de domicílio. Isto já acontece há muito tempo, desde o começo da história da humanidade. Migrar faz parte do direito de ir e vir, que consta na Constituição.

A migração rural-urbana gera vários problemas. Na zona rural, gera diminuição da população, falta de mão de obra e, conseqüentemente, diminuição da produção de alimentos e matéria prima, causando inflação e, assim, aumento no custo de vida, principalmente das populações urbanas. Sendo relevante observar que, entre os atingidos da área urbana, estão os atores sociais que migraram das zonas rurais e agora são urbanos.

Nas zonas urbanas, a chegada de migrantes gera inúmeros problemas, como: superpopulação, aumento do desemprego, aumento do subemprego, crescimento de favelas, marginalização, entre outros.

Com a ocorrência da migração, não são apenas problemas que surgem, mas muitos aspectos devem ser avaliados. Neste sentido, podemos nos embasar em Golgher (2004, p. 6) ao postular que:

Entretanto, a migração não é importante apenas para as pessoas que trocam de local de domicílio. Ela é também decisiva em muitos outros aspectos como: no desenvolvimento de regiões e países, no crescimento populacional de cidades, na troca de experiências e tecnologia entre povos, etc. As pessoas mudam quando migram. As regiões também mudam quando os indivíduos migram.

Quando falamos em migração, é fundamental conhecermos duas nomenclaturas conceituais que definem um migrante. Ele pode ser *emigrante* ou *imigrante*.

Segundo Golgher (2004, p. 7), “o migrante sai de um local e vai para outro. Ele tem uma origem e um destino. Uma pessoa que sai de uma região é um **emigrante** de seu local de origem. Uma pessoa que vem para uma região é um **imigrante** em seu local de destino”. Assim, o autor define de forma muito simples e de fácil compreensão estes conceitos, sem entrar nas subdivisões que cada um deles possui.

A fecundidade da população estudada também deve ser observada. Para Golgher (2004, p. 26), a “diferença nos níveis de fecundidade tem muitos efeitos significativos que

influenciam diretamente o processo migratório. O primeiro é que as populações pobres crescem muito mais rapidamente que as ricas”.

Esta realidade exposta por Golgher (2004) nos diz que a fecundidade, por ser maior nas populações mais pobres, e conseqüentemente aumentando muito rápido, faz com que o crescimento dos problemas e dificuldades enfrentadas por estas pessoas só aumentem, estimulando a emigração destes locais, Estados ou países.

De acordo com Golgher (2004, p. 29-31):

O Brasil, país de grande extensão e variabilidade regional muito marcante, apresenta significativos fluxos migratórios internos. Alguns estados tendem a perder população, enquanto que com outros ocorre o contrário. [...] Por outro lado, a região mais pobre do país, a Região Nordeste, teve um saldo migratório negativo bastante expressivo. Em conjunto, esta região perdeu para os demais estados brasileiros e para os demais países quase 4 milhões de pessoas entre os anos de 1980 e 1996.

E esta migração nordestina foi intensa na primeira metade da década de 1990, pois, de todos os migrantes rurais do país entre 1990 e 1995, 54,6% saíram do Nordeste.

A fecundidade da população, em geral, vem diminuindo historicamente, e também é comprovada que a fecundidade é mais alta no campo do que na cidade, sinal de pobreza nas zonas rurais, pois, segundo Golgher (2004), onde há maior fecundidade, há maior pobreza. Como prova disso, a maior taxa de fecundidade no Brasil, historicamente, é a do Nordeste, e também é a região que mais ocorreu migrações devido à pobreza e, como consequência desta, a busca por uma vida melhor.

A população rural brasileira atingiu seu máximo em 1970, com 41 milhões de habitantes, o que correspondia a 44% do total. Desde então o meio rural vem sofrendo um declínio populacional relativo e absoluto, chegando em 1996 com um total de 33,8 milhões de habitantes, ou 22% do total nacional. A redução da importância da população rural deve-se, fundamentalmente, aos movimentos migratórios. Mais recentemente, a queda de fecundidade rural contribuiu também para a diminuição do ritmo de crescimento desta população (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p. 7).

A migração rural-urbana e o êxodo rural vêm ocorrendo há décadas no Brasil, e analisando os dados da primeira metade da década de 1990, alguns autores já previam que estes movimentos migratórios não teriam chegado ao fim, mas sim estariam com forte tendência de continuar em ritmo acelerado.

A importância do êxodo rural é confirmada quando se examinam os dados dos últimos 50 anos: desde 1950, a cada 10 anos, um em cada três brasileiros vivendo no meio rural opta pela emigração. Os anos 90 não arrefeceram em muito esta

tendência: se as taxas de evasão do meio rural observadas entre 1990 e 1995 persistirem pelo restante da década, quase 30% dos brasileiros que então viviam no campo em 1990 terão mudado seu local de residência na virada do milênio (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p. 6).

Através de exemplos criativos, Golgher (2004) nos deixa claro que a migração está relacionada diretamente com mudanças, e estas são rotineiras em nossas vidas. De acordo com Golgher (2004, p. 6):

Nossa vida está sempre de alguma forma mudando. Mudamos de escola ou de trabalho. Mudamos a forma como percebemos as coisas. Mudamos nossos relacionamentos. Estamos sempre tentando mudar alguma coisa, nem que seja só o canal da TV. [...] Muitas vezes mudamos de local de residência. Trocamos de casa em uma mesma cidade ou deixamos nossa cidade para trás e vamos morar em outra. Muitas pessoas vivem em locais distintos de onde nasceram, muitos em outros países.

Desmistificando que migração seja algo extraordinário e estimulando uma reflexão sobre como vemos as mudanças e os movimentos migratórios, Golgher (2004, p. 6) expõe que:

Muitas imagens e sentimentos aparecem em nossa mente quando pensamos em pessoas saindo de um local e indo morar em um outro. Muitos de nossos avós ou bisavós vieram da Europa, África, Japão ou outras regiões. Eles trouxeram crenças e tradições de seus locais de origem e enriqueceram a nossa própria vida com elas. Muitos de nós que morávamos em outra cidade lembramos das experiências vividas em outras regiões e dos amigos que deixamos para trás. Muitos de nossos vizinhos e amigos antigos não moram mais em nossa cidade e nem mesmo sabemos para onde foram. Lembramos dos milhões de brasileiros que saíram do Nordeste e foram tentar melhorar de vida em São Paulo, se tornando assim imigrantes na maior cidade do Brasil.

Ao falar em migração rural-urbana no Brasil, não podemos deixar de estabelecer relação com os jovens rurais. De acordo com Castro (2005, p. 1):

A juventude rural é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria *jovem* é construída e seus significados disputados. A própria imagem de um *jovem* desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais.

O processo de migração também estabelece forte relação com questões de idade e gênero, e esse fato tem se intensificado nos últimos anos, segundo Brumer (2004, p. 210):

A seletividade da migração por idade e sexo pode ser explicada, em grande parte, pela falta de oportunidades existentes no meio rural para a inserção dos jovens, de forma independente da tutela dos pais; pela forma como ocorre a divisão do trabalho no interior dos estabelecimentos agropecuários e pela relativa invisibilidade do

trabalho executado por crianças, jovens e mulheres; pelas tradições culturais que priorizam os homens às mulheres na execução dos trabalhos agropecuários mais especializados, tecnificados e mecanizados, na chefia do estabelecimento e na comercialização dos produtos; pelas oportunidades de trabalho parcial ou de empregos fora da agricultura para a população residente no meio rural; e pela exclusão das mulheres na herança da terra.

De uma forma um pouco mais específica, a autora explica por que recentemente questões de idade e gênero têm tido grande participação nos movimentos migratórios. Brumer (2004, p. 225), nos diz que:

[...] devido às desigualdades de gênero, que atribuem às mulheres (principalmente às mulheres jovens) uma posição subordinada na estrutura familiar – evidenciada na distribuição das atividades nas esferas de produção e de reprodução, do poder e do acesso à propriedade da terra –, as mulheres têm menores perspectivas profissionais e motivação para permanecer no meio rural do que os homens. Ao mesmo tempo, fatores externos, tais como o tipo de produção agrícola desenvolvida, o caráter intensivo ou extensivo da produção, o tamanho do estabelecimento e as necessidades de mão-de-obra e o grau de desenvolvimento industrial nas proximidades dos estabelecimentos agropecuários, podem criar oportunidades de emprego parcial ou total fora da agricultura, com a manutenção da residência do trabalhador no meio rural. Como essas oportunidades são distintas conforme as regiões, ocorrem diferenças regionais no que diz respeito à distribuição da população por idade e sexo.

A autora nos faz refletir que, possivelmente, a migração de muitos jovens, e principalmente mulheres, partem do fato de os homens normalmente serem os administradores das propriedades rurais, por isso, serem eles os líderes na execução de tarefas; sendo que, normalmente, eles utilizam maquinários e equipamentos agrícolas quando existentes, afastando as mulheres das tarefas consideradas principais e as deixando como meras subordinadas que executam tarefas menos complexas.

Isso faz com que as moças não visualizem uma possível evolução profissional e de funções dentro da propriedade rural, se vendo, no futuro, elaborando as mesmas tarefas difíceis, mas consideradas de menos importância, como os afazeres domésticos. Sendo assim, elas veem a migração como uma fuga desta realidade que as cerca, e o trabalho fora da propriedade como uma opção para ser valorizada e, talvez, vir a evoluir profissionalmente.

Para aprofundar essa discussão, esclarecem Camarano e Abramovay et al. (1999, p. 14):

Em algumas situações, o caráter seletivo das migrações está ligado a dinâmicas intrafamiliares em que as moças têm uma carga de trabalho pesada no interior das unidades de produção familiar, sem qualquer contrapartida que lhes indique horizontes em que sua permanência no campo possa ser valorizada. Deixar a residência paterna é o caminho mais curto para a independência econômica, apesar

dos inconvenientes ligados ao trabalho de doméstica. A própria família estimula esta migração, uma vez que são bem reduzidas as chances de as moças poderem se estabelecer como agricultoras ou esposas de agricultores.

Esta reflexão teórica expõe os conceitos de êxodo rural e migração, além das relações destes com aspectos econômicos, sociais e territoriais. A discussão teórica se aproxima ainda mais da realidade rural de Ilópolis/RS quando trata das causas da masculinização no campo, e a forte tendência de migração do jovem, mas principalmente das mulheres jovens.

Outro momento que estabelece relação próxima com a realidade do município é quando são abordados os motivos para a migração que não são os econômicos, mas referentes à qualidade de vida na visão do migrante.

3 A PESQUISA

A pesquisa foi realizada através de embasamento teórico de acordo com a revisão bibliográfica. Inicialmente, buscou-se conceitos e bibliografias sobre o tema Êxodo Rural, suposto eixo principal da pesquisa.

Como a pesquisa trata do abandono residencial da propriedade rural para a zona urbana do município, mas havendo a manutenção destas propriedades, é constatado que seria mais adequado ter como tema central na pesquisa a *migração*, passando, então, a procurar embasamento teórico deste tema para fundamentar a pesquisa como: impactos da migração residencial da zona rural para a urbana em Ilópolis/RS.

Mas, quando falamos em migração, muitas vezes podemos estabelecer relações com o Êxodo Rural, e que é o caso da migração analisada.

Além do embasamento teórico, a pesquisa tem como principal fonte de dados as entrevistas realizadas com atores sociais do rural envolvidos no processo de migração residencial em Ilópolis/RS.

Foram entrevistadas sete famílias, que possuem como líder familiar uma pessoa com menos de 60 anos, que tenham migrado nos últimos 15 anos para a zona urbana e continuam desenvolvendo atividades na propriedade rural de origem.

As abordagens ocorreram nas residências das famílias durante o período noturno, onde vários integrantes das famílias se encontram em casa, propiciando uma longa conversa com cada família, ouvindo as colocações e opiniões dos pais, mas também dos jovens e das crianças.

Sendo as entrevistas conduzidas a partir de perguntas previamente elaboradas, seguindo um roteiro semiestruturado, foram analisadas de forma qualitativa, buscando-se padrões e particularidades nas respostas.

Durante a conversa, foi identificado há quanto tempo a família reside na zona urbana, a fim de estabelecer relação entre as respostas e a atual situação da família. Relacionou-se, ainda, se família que migrou há dez anos possui uma mesma situação econômica de outra que migrou há três anos.

Para avaliar o perfil de rotina da família e o quanto este é rural ou urbano, questionamos sobre qual atividade cada ator desenvolve diariamente. Este questionamento possibilita avaliar o envolvimento dos filhos com a propriedade rural, e abordar as questões de sucessão hereditária na Unidade de Produção Rural.

Na entrevista, também foi abordado o nível de escolaridade da família, para, com isso, estabelecer relações sobre a influência ou não do grau de instrução na hora da decisão de migrar ou permanecer residindo no meio rural.

As famílias foram questionadas sobre qual a principal atividade da propriedade, para verificar a relação desta com a liberdade de poder não estar na propriedade à noite e aos finais de semana.

A principal indagação foi o porquê a família decidiu migrar, quais os motivos da migração. Com este questionamento, foi possível identificar os motivos de cada família e verificar se estes motivos se repetem entre as famílias envolvidas.

As famílias foram também indagadas sobre quais são as vantagens e desvantagens desta migração, e se algum familiar gostaria de voltar a residir no meio rural.

Os atores sociais envolvidos na migração rural urbana também foram questionados sobre como veem suas famílias após 20 anos, e suas propriedades rurais, após 30 anos.

4 MIGRAÇÃO E ÊXODO EM ILÓPOLIS

Foi possível alcançar um ótimo diagnóstico sobre as causas, motivos, vantagens, desvantagens, entre outros itens abordados e levantados através de entrevista.

Na opinião de Camarano e Abramovay (1999, p. 24), “a desruralização continua marcando a organização territorial brasileira na virada do século. Mas há diferenças regionais importantes neste sentido”. Neste sentido, destacamos que, no município de Ilópolis/RS, ocorre uma migração que envolve várias particularidades específicas, diferenciando-o de outras regiões.

A migração residencial do rural para o urbano, neste município, também estabelece relação com motivações pessoais, então, se torna válido refletir o que diz Golgher (2004, p. 36).

Quando você imagina uma pessoa migrando de uma cidade para outra, você tem em mente um jovem ou um idoso? Uma pessoa de baixa renda ou um milionário? Um trabalhador ou um desempregado? Na média, o migrante não é totalmente similar aos indivíduos que permanecem no mesmo local. Ele difere em vários atributos pessoais. Dizemos que certos indivíduos têm uma maior propensão a migrar do que outros. Para um mesmo estímulo algumas das pessoas migram enquanto que outras não.

Todas as sete famílias entrevistadas adquiriram a propriedade rural através de herança, isso nos diz que estas famílias envolvidas na migração residencial do rural para o urbano possuem um longo histórico vínculo com o meio rural.

Os adultos relatam terem sido criados e educados no meio rural, aprendendo a trabalhar com a terra, e seguindo a cultura local, como a alimentação típica italiana, o cultivo e a criação para subsistência além do comercial, entre outros.

Verificou-se que, de sete famílias entrevistada,s apenas uma reside na área urbana há 15 anos, e as outras seis estão na zona urbana do município há menos de sete anos. Sendo a famílias A cinco anos, a B seis anos, a D três anos, a família E sete anos e as famílias F e G 3 três anos residindo no centro da cidade de Ilópolis/RS.

Estes dados, sobre quanto tempo faz que cada família deixou sua residência na propriedade rural, estabelece relações com vários fatores de fundamental relevância para a pesquisa.

A família C, que migrou faz 15 anos, é a família menos estruturada economicamente hoje, quando comparada com as demais famílias envolvidas. Isso é percebido pela estrutura

da residência, pelas áreas de trabalho em que atuam atualmente na zona urbana, sendo trabalhos humildes e de baixo valor salarial.

Quando avaliados os mesmos fatores nas demais famílias que migraram há poucos anos, é facilmente percebida a diferença entre estas e a mais antiga residente urbana. O que chama a atenção é que os motivos da migração são muito diferentes, as percepções das realidades atuais e futuras também diferem entre a família C e as demais.

De forma resumida, a família C migrou para a cidade por necessidade, não estando estruturada economicamente para que pudesse levar uma vida confortável na cidade. Já as demais, migraram não por necessidade, mas sim por vontade, desejo ou opção, estando em uma boa situação financeira e se instalando em boas condições na área urbana.

4.1 MOTIVOS DAS MIGRAÇÕES

A família A migrou pelo fato de a mulher sempre ter visto como um sonho residir na cidade, desde sua infância e adolescência, ela relata ter tido como um objetivo a ser alcançado a vinda para a área urbana do município. Ao ser questionada sobre o porque deste sentimento tão determinado e forte, a mãe da família relata que foi criada no meio rural vendo seus pais trabalharem muito, comprometerem a saúde, receberem pouco e, por isso, sempre pensou em ser diferente. Além do desejo de residir em um lugar com calçamento, sem poeira ou lama, e trabalhar em um ambiente limpo.

Hoje, ela é babá de duas crianças, possui uma filha de 22 anos que, aos 19 anos, migrou para uma cidade de médio porte, onde estuda e trabalha; e uma filha de sete anos, que apenas estuda, e que, segundo a mãe, com certeza vai migrar para uma cidade maior também, e esta afirma: *Ilópolis não tem futuro!*.

O esposo é o único desta família que vai rotineiramente até a propriedade, trabalhando nesta durante o dia e voltando à noite para a residência da família na cidade. E, segundo ele, migrou para acompanhar a vontade da esposa.

Já a família B é composta pelo casal e três filhas, sendo que a mais nova possui 17 anos. Estes optaram por residir na zona urbana do município para poder continuar convivendo com as filhas, pois estas acreditam ser melhor residir na cidade, para facilitar o acesso aos estudos, ao mercado de trabalho e a um maior número de amizades.

As jovens afirmam que quando residiam no interior do município conseguiam estudar, pois havia meio de transporte, mas era muito cansativo fazer o percurso todos os dias e, por

isso, elas optariam em vir residir na cidade independente se os pais as acompanhassem ou não.

Então, o casal decidiu adquirir uma casa na área urbana do município, sendo esta uma casa de dois andares que oferece conforto para a família. Isso nos deixa claro que a migração desta família não ocorreu por falta de opção ou em busca de melhores condições financeiras.

Migrou a família toda, para acompanhar o desejo das filhas em trabalhar em atividades não agrícolas, além de facilitar o acesso ao ensino superior. Mas o casal se desloca todos os dias até a propriedade rural, pois a atividade rotineira destes ainda é trabalhar na Unidade de Produção Agrícola.

A terceira a ser entrevistada, a família C, migrou há 15 anos para a área urbana de Ilópolis porque o homem tinha um irmão deficiente físico e mental que precisava de acompanhamento médico com frequência, além de ter os seus pais já com uma idade avançada e estes com o desejo de residir na cidade.

Então, esta família migrou para a área urbana, mas em condições humildes. O casal passou a trabalhar na cidade, mas trabalhando na propriedade aos finais de semana, feriados e férias. Alguns anos após a migração, este familiar deficiente faleceu, e a mãe do homem também. Atualmente, a família é composta pelo casal, três filhas, uma sobrinha e o pai do homem.

A família D migrou residencialmente para a área urbana por motivos pessoais, relatando alguns desentendimentos com familiares e, por isso, decidiram migrar. Mas a mulher desta família já trabalhava em atividade não agrícola na cidade, então, se adaptou facilmente. O homem continuou trabalhando na propriedade rural diariamente, e a única filha do casal, que tem sete anos de idade, declara adorar morar na cidade, e a menina ainda ressalta que jamais acharia ruim morar no interior, pois tem muitos amigos na cidade e gosta de onde mora.

No caso da família E, migraram pelo fato de a mulher sempre ter trabalhado na cidade e desejar residir na mesma, além de o pai do homem ter ficado viúvo e já com uma idade avançada, e a residência na propriedade rural estar velha precisando de muitos investimentos. Estes motivos fizeram com que a família julgasse ser o melhor para todos residir na cidade.

Neste caso, o avô, já aposentado, desfruta de lazer e da proximidade à assistência à saúde, sentindo-se mais seguro. A mulher está próxima ao seu local de trabalho e, ao invés de investir na reforma da residência no interior, investiram na zona urbana, julgando ser um

investimento melhor para o presente e futuro. E o homem da família vai para a propriedade rural rotineiramente durante o dia, e a noite está sempre na residência urbana.

A família F migrou para a cidade com o pensamento de que os filhos adolescentes não pretendiam continuar residindo no meio rural, que a residência onde moravam estava velha e, por isso, teriam que construir uma nova. Baseados nisso, decidiram que o melhor seria investir na cidade. O casal relata que, construindo a casa nova na cidade, os filhos que desejavam sair do meio rural, agora já têm onde morar na cidade e a família continua unida.

Possuem também uma visão futura, pois, embora hoje o casal esteja indo até a propriedade rural diariamente, declaram que, quando ficarem mais velhos, irão precisar desta residência na área urbana, pois relatam que a maioria dos moradores do interior, ao ficarem velhos, passam a residir na cidade, devido à facilidade de acesso à saúde e lazer.

Então, no caso deles, relatam que migraram para estar junto dos filhos, pois estes migrariam com ou sem os pais, além de já terem a casa na cidade para quando ficarem mais velhos.

A última família entrevistada, a família G, migrou também pelo motivo de ser um investimento a construção de uma casa na cidade ao invés do interior. Precisava fazer uma grande reforma na residência rural, então, optaram por construir uma residência nova na área urbana, julgando ser um investimento melhor.

Também levaram em consideração aspectos como maior independência, liberdade e lazer. Relatam que trabalhavam muito quando residiam na propriedade, e que residindo na cidade descansam mais, pois cumprem um horário de trabalho no meio rural e, após, vêm para a residência na cidade e descansam. Até comparam-se com um funcionário assalariado de uma empresa, tendo horário para trabalhar e horário para descansar, ao contrário do que ocorria quando residiam na propriedade rural, onde, muitas vezes, trabalhavam até tarde da noite, sendo extremamente cansativo.

4.2 DEMAIS RESULTADOS ALCANÇADOS COM A ENTREVISTA

De modo geral, as famílias entrevistadas são pequenas, variando entre dois e cinco integrantes. Apenas a família C possui sete membros.

Quanto às atividades desenvolvidas rotineiramente por cada membro das famílias, conclui-se que as crianças e os jovens estudam e desenvolvem atividades na zona urbana, não vão para a propriedade normalmente, apenas em situação de lazer e, mesmo assim, raramente.

Já entre os adultos, apenas o casal da família C trabalha na área urbana durante a os dias da semana, mas aos finais de semana, feriados e férias vão para a propriedade rural trabalhar na mesma.

Entre as outras seis famílias, as mulheres de três destas possuem emprego na cidade e não desenvolvem atividade na propriedade rural. E os seis homens e as três mulheres restantes vão para a Unidade de Produção Agrícola diariamente.

Nesta pesquisa, está claro que, a partir da migração residencial do rural para o urbano, 100% das crianças e dos jovens não mantêm relação com a zona rural, que apenas 50% das mulheres se mantiveram trabalhando na propriedade rural e 100% dos homens mantiveram relação direta com a propriedade, mesmo que o integrante da família C vá para a propriedade nos finais de semana, feriados e férias.

Através deste diagnóstico, que expõe o grande afastamento da propriedade rural dos jovens e, em alguns casos, também das mulheres, a autora Brumer (2004, p. 210) nos ajuda a compreender possíveis motivações deste fato, que é:

A seletividade da migração por idade e sexo pode ser explicada, em grande parte, pela falta de oportunidades existentes no meio rural para a inserção dos jovens, de forma independente da tutela dos pais; pela forma como ocorre a divisão do trabalho no interior dos estabelecimentos agropecuários e pela relativa invisibilidade do trabalho executado por crianças, jovens e mulheres; pelas tradições culturais que priorizam os homens às mulheres na execução dos trabalhos agropecuários mais especializados, tecnificados e mecanizados, na chefia do estabelecimento e na comercialização dos produtos; pelas oportunidades de trabalho parcial ou de empregos fora da agricultura para a população residente no meio rural; e pela exclusão das mulheres na herança da terra.

Ao entrevistar as famílias envolvidas nesta específica migração, é facilmente percebido que os homens, ou seja, os pais de cada família, mantêm forte vínculo com as suas origens, ao meio rural, e ao trabalho na Unidade de Produção Agrícola.

Os homens também possuem grande orgulho em falar de como é a vida no interior, o que lá produzem, como cultivam, entre outros. Mas, ao conversar com algumas mulheres, fica claro que não possuem tanto apego ao meio rural, assim como os seus maridos.

E, quanto aos jovens envolvidos neste processo de migração, é notável a facilidade em se adaptar ao urbano, e o grande desapego ao meio rural. De todos os jovens vinculados a esta pesquisa, nenhum deseja voltar a residir na zona rural do município, pelo contrário, falam sobre muitas vantagens em residir na cidade e possuem dificuldade em apontar desvantagens, principalmente as adolescentes. Para Brumer (2004, p. 225):

[...] devido às desigualdades de gênero, que atribuem às mulheres (principalmente às mulheres jovens) uma posição subordinada na estrutura familiar – evidenciada na distribuição das atividades nas esferas de produção e de reprodução, do poder e do acesso à propriedade da terra –, as mulheres têm menores perspectivas profissionais e motivação para permanecer no meio rural do que os homens. Ao mesmo tempo, fatores externos, tais como o tipo de produção agrícola desenvolvida, o caráter intensivo ou extensivo da produção, o tamanho do estabelecimento e as necessidades de mão-de-obra e o grau de desenvolvimento industrial nas proximidades dos estabelecimentos agropecuários, podem criar oportunidades de emprego parcial ou total fora da agricultura, com a manutenção da residência do trabalhador no meio rural. Como essas oportunidades são distintas conforme as regiões, ocorrem diferenças regionais no que diz respeito à distribuição da população por idade e sexo.

A distância entre a residência na cidade e a propriedade rural no interior do município não é superior a 10 quilômetros em nenhum dos sete casos. Isso mostra uma grande facilidade de acesso às UPAs, realidade que certamente influenciou no momento de tomar a decisão de migrar.

O cultivo da erva mate é a principal atividade desenvolvida em 100% das propriedades envolvidas na pesquisa, e é desta cultura que vêm também a principal renda das sete famílias envolvidas.

A relação das famílias com o cultivo de erva mate mostra ter grande relação com a migração residencial do rural ao urbano. Não sendo esta cultura um motivo para que ocorra a migração, mas uma facilitadora. Nas conclusões, esta discussão será apresentada com maior intensidade.

As áreas das propriedades rurais destas famílias variam entre 10 e 24 hectares. Todas elas enquadrando-se como propriedades familiares, dispendo de mão de obra contratada apenas em algumas famílias e sendo temporários, conforme a necessidade em épocas de colheita da erva mate.

As famílias, ao serem questionadas sobre os benefícios e dificuldades ocorridas após a migração, destacam muitas vantagens e poucas desvantagens ou dificuldades. Relatam que, por estar longe da propriedade rural à noite e finais de semana, conseguem descansar mais e ter mais tempo para lazer, pois se residissem na propriedade, não conseguiriam evitar o trabalho nestes momentos.

Também destacam, como qualidade de vida, a convivência com os vizinhos na área urbana, o fácil acesso ao mercado, serviços, saúde, entre outros. E uma das principais vantagens apontadas é a de ter sido feito um bom investimento, terem adquirido ou construído a residência na cidade é visto como um ótimo investimento financeiro por todas as famílias envolvidas na pesquisa.

Questiono também sobre a alimentação, se algo mudou com a migração? Todas as famílias respondem que apenas não produzem mais o leite para autoconsumo, mas o restante da alimentação continua sendo a mesma, pois continuam preservando suas hortas, pomares e criações para alto consumo.

As seis famílias que migraram a menos de 7 anos, veem apenas o deslocamento até a propriedade em dias frios ou chuvosos como desvantagem, mas salientam que, em alguns dias assim, não vão para a propriedade rural, pois a erva mate oferece essa liberdade.

Várias famílias migraram para realizar um investimento, considerado pela família, mais correto, que é a construção de uma casa nova na cidade ao invés de no interior, para que, num futuro próximo, os filhos que não vão permanecer no interior tenham onde residir na cidade; e, para um futuro mais distante, o próprio casal quando estiver aposentado também ter onde morar na cidade, estando, assim, mais próximo a atendimentos de saúde, lazer, entretenimento, entre outros.

Mas estas motivações são desencadeadas pelo fato de que, nestas famílias, não há nenhum jovem com intenção de permanecer no meio rural, mesmo vendo que sua família está muito bem estruturada financeiramente devido à atividade agrícola. Há motivações não econômicas que induzem estes jovens a migrar.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa leva à conclusão de que a migração residencial do rural para o urbano, em Ilópolis/RS, ocorre principalmente devido a questões relacionadas à influência dos jovens. Além de questões de gênero também percebidas em metade dos casos.

As famílias envolvidas neste processo de migração mudam de local de residência por desejo em mudar, não por necessidade. Elas vão em busca de melhores condições de vida “não-econômicas”, mas ligadas ao que julgam ser o melhor para o bem estar da família. Segundo Golgher (2004, p. 33):

Apesar do predomínio dos fatores econômicos, variáveis não-econômicas também são importantes, principalmente em países do primeiro mundo e para as camadas mais ricas da população em países em desenvolvimento. Melhorar a qualidade de vida em tópicos não diretamente relacionados à renda ou ao mercado de trabalho seria um dos principais fatores não-econômicos associados à migração.

Além das motivações da migração, existem fatores influentes nesta decisão. Todas as sete famílias entrevistadas possuem a erva mate como principal atividade produtiva e principal geradora de renda. E essa cultura oferece um alto nível de liberdade ao produtor rural, pois trata-se de uma cultura perene, que exige mão de obra apenas para adubação, controle de plantas daninhas e poda para comercialização.

Esta cultura é altamente rentável e não exige a presença constante do agricultor na propriedade, dando liberdade para que o mesmo possa estar ausente à noite e aos finais de semana.

Outras famílias rurais trabalham em suas propriedades com hortaliças, gado leiteiro, suinocultura ou avicultura, entre outras atividades que exigem dedicação integral. Mesmo que desejem, não migram residencialmente para a área urbana, pois suas atividades agrícolas não permitem este afastamento.

Alguns atores sociais do município de Ilópolis/RS se referem à erva mate como “bendita e maldita”. Pois afirmam que, ao mesmo tempo em que ela oferece uma ótima opção de renda às famílias rurais, mesmo em áreas de mata e relevo fortemente ondulado, acaba afastando as pessoas do meio rural.

Dizem isso porque creem que é com a renda da erva mate que os pais pagam o ensino superior aos filhos, e estes normalmente vão cursar faculdades em grandes centros, acabam criando vínculos e não retornam mais para a propriedade rural. A renda e a liberdade oferecida pela cultura da erva mate também fazem com que as famílias tenham um bom poder

aquisitivo e passem a desejar residir na cidade, investindo em residências confortáveis na zona urbana, e já criando seus filhos ainda jovens longe da propriedade rural, comprometendo gravemente o processo de sucessão familiar na propriedade rural.

Sendo assim, a cultura da erva mate não é a desencadeadora da migração, mas sim uma grande influente neste processo migratório.

Também ocorre forte influência no momento da decisão entre migrar ou não, o fato de as propriedades rurais serem próximas à área urbana. De todas as sete famílias entrevistadas, nenhuma delas possui a propriedade rural a mais de 10 quilômetros de distância da residência urbana.

Isto facilita significativamente o acesso à propriedade rural, mesmo morando na cidade. Como, das sete famílias, em seis delas há deslocamento de pelo menos um familiar diariamente à UPA, percebo este como um fator também influente para a decisão.

De forma geral, as motivações da migração que mais se repetem são: o desejo por ter mais tempo para lazer, conviver com um número maior de pessoas, descansar à noite e finais de semana. E o que mais se repetiu entre as famílias é que os jovens e idosos que já migrariam independente do restante da família. Dessa forma, estes, quando migrarem já têm onde morar, além de que os casais adultos irão envelhecer e também já terão onde residir na cidade.

Pelo fato de que nenhum dos jovens pertencentes a estas famílias que migraram se veem trabalhando na propriedade rural daqui a alguns anos, as famílias relatam que não haverá sucessão familiar na propriedade rural. Com base nestas afirmações, caracterizo como Êxodo Rural a migração residencial ocorrida em Ilópolis/RS, pois, com o passar dos anos ocorrerá o abandono da propriedade rural.

Todas as famílias veem os filhos distantes da propriedade, “*uma vez longe, não voltam mais*”, relatam os pais. Mesmo vendo que sua família está muito bem estruturada financeiramente devido à atividade agrícola, há motivações não econômicas que induzem estes jovens a migrar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial**. 1999.
- BRUMER, A. Gênero e Agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, jan./abr. 2004.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil**. Rio de Janeiro: 1999. (Texto para Discussão, 621).
- CASTRO, E. G.; **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate**. 2005.
- FEE. **Fundação de Economia e Estatística**. Disponível em <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Trifunfo> Acesso em: 12 de abril de 2013.
- GOLGHER, A. B. **Fundamentos da Migração**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.
- ILÓPOLIS. **Histórico do Ilópolis**. Disponível em: <<http://www.ilopolis-rs.com.br/site/>>. Acesso em: 03 jun. 2013.
- Imagem de um Pinheiro araucária**. Disponível em <<http://www.arvores2a.blogspot.com.br/2012/08/pinheiro-do-parana.html/>>. Acesso em: 03 jun. 2013.
- INFOESCOLA. **Imagem de uma Erveira**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/plantas/erva-mate/>>. Acesso em: 03 jun. 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos Demográficos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 29 jan. 2013.
- SINDICATO DA INDÚSTRIA DO MATE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Erva Mate**. Disponível em: <<http://www.sindimaters.com.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2013.
- TROIAN, A.; DALCIN, D. **Jovem no Meio Rural a Diplomacia entre Sair e Permanecer**. Estudo de caso. 2009.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual foi a forma de aquisição da propriedade rural e quando isto ocorreu?
2. Há quanto tempo reside na cidade?
3. Quantas pessoas fazem parte da família?
4. Qual atividade cada um desenvolve rotineiramente?
5. Quantas pessoas da família trabalham na propriedade?
6. A propriedade possui funcionários integrais ou temporários? Quantos?
7. Qual o nível de escolaridade da família?
8. Qual a distância entre a residência e a propriedade?
9. Qual a principal atividade na propriedade?
10. Qual a principal renda da família?
11. Se há filhos, os mesmos acompanham os pais quando vão à propriedade?
12. A propriedade possui máquinas e equipamentos mecânicos para auxiliar na produção?
Quais?
13. Quantos hectares possui a propriedade?
14. Possui alguma área arrendada?
15. Quando passou a residir na área urbana do município?
16. O que motivou a migração?
17. Como você vê essa migração, quais os benefícios e/ou dificuldades?
18. Sente vontade de voltar a residir na zona rural? Por quê?
19. Como imagina sua família daqui a 20 anos?
20. Como imagina sua propriedade daqui a 30 anos?
21. Qual a probabilidade de haver sucessão hereditária na administração de sua propriedade?

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE
E ESCLARECIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso

INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: _____

RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “Impactos da migração residencial da zona rural para a urbana em Ilópolis/RS” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso Impactos da migração residencial da zona rural para a urbana em Ilópolis/RS – do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo geral pesquisar os impactos da migração residencial da zona rural para a urbana em Ilópolis/RS.

A minha participação consiste na recepção do aluno Diovane Cardoso Ferreira para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação e a da propriedade para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

Ilópolis/RS, ____/____/2013.